

Voltar às raízes para combater o medo

Gabriel Feitor

Reler o velho Sérgio foi uma sábia escolha para um período de isolamento voluntário. Remetido às prateleiras dos confins da História, essa coisa antiga e poeirenta para a vanguarda da ignorância, decidi resgatá-lo dali. Admiro muito António Sérgio. Não é surpresa nenhuma a influência do racionalismo sergiano no meu pensamento político, social-democrata assumido que sou, portanto, de esquerda, e é desse ponto de vista pelo qual este ensaio se orienta. Faz-nos pensar e repensar, da ética, da moral, da política, da economia. Do seu magistério, aliás, retirei dos tempos da faculdade a máxima de transformar a moral pela economia e a economia pela moral, as duas em acção simultânea e dependentes uma da outra.

Enfrentamos, neste momento, uma situação muito complicada. Certamente haverá um rombo económico cujas consequências ainda não temos bem a noção. E muitas das certezas que tínhamos até há uns meses começam-se a esfumar. É o medo que emerge. Do muito que vou tentando extrair, cooperação é, porventura, a palavra-chave da mundividência sergiana que urge deslindar no cômputo de uma lição a tirar do presente. E não é acaso que o antigo ministro Miguel Poiares Maduro, nos meus antípodas políticos, em artigo no Expresso sobre as repercussões que esta pandemia poderá ter nas democracias liberais, acentua a cooperação como toque de pedra no processo económico de globalização. À sua maneira, claro está, mas refere-o. É neste contexto, de atropelos às liberdades individuais, de dificuldades sociais, que convoco Sérgio.

É no conhecimento e invocação deste(s) legado(s) histórico(s) que temos de ponderar e partir para a acção nas políticas públicas necessárias aos tempos hodiernos. Se há elemento que faz parte do ADN da esquerda democrática e que foi sendo esquecido como ferramenta de transformação da sociedade por via reformista é o socialismo associacionista. Refiro-me à socialização por via da

associação, da cooperativa ou do município, para ser mais abrangente na sua metodologia. No entanto, foi pelo cooperatismo, um dos três ramos (a par do sindicalismo e do socialismo político nos seus diversos matizes) do movimento operário para Georges Lasserre, que, em Portugal, depois do 25 de Abril, se verificou um grande dinamismo, fosse pelas cooperativas de consumo, de produção ou de habitação. A Constituição consagra, aliás, o sector cooperativo como um dos elementos fundamentais da organização económica da República.

António Sérgio foi, sem dúvida, o seu maior doutrinador. A pandemia pela qual estamos a passar não é senão uma chamada de atenção para à máxima sergiana já referida e, sobretudo, um aviso: este modelo de crescimento desenfreado, baseado no lucro, não pode continuar, sob pena de algo pior acontecer. Urge, pois, encontrar formas de sustentabilidade. Se nestes anos tivesse existido um incentivo à consciência de cooperação talvez hoje conseguiríamos ter acções não exclusivamente individualistas e/ou colectivas, mas um papel cónscio de colectivo interdependente do individual e deste interdependente daquele. Se ao longo dos anos tivéssemos apostado num modelo económico alternativo e paralelo de cooperação e ajuda mútua, porventura hoje teríamos mais capacidade de enfrentar as dificuldades que esta crise trará. E isto repercute-se em várias áreas da nossa vida, da sustentabilidade ambiental e luta às alterações climáticas até à desertificação do interior. Porque, mais do que nunca, precisamos uns dos outros.

Esse espírito cooperativo e comunitário foi, aliás, bem visível durante os primeiros meses de confinamento na ajuda aos trabalhadores precários, sobretudo os “invisíveis da cultura”, que, perante a falha do Estado, levou a *comunidade* a organizar-se e a intervir para apaziguar uma ausência indesculpável.

Pudemos também observar que a vulnerabilidade social provocada pela pandemia pôs a nu os graves problemas de habitação nos grandes centros urbanos. A esquerda democrática tem o dever moral de encontrar soluções para este problema, resgatando para isso o socialismo associacionista. Se a Covid-19 veio mostrar o imprescindível papel do Estado nos sectores essenciais para

a vida da comunidade, o socialismo associacionista pode e deve ser um complemento no papel de socialização. Não basta ao cidadão ter apenas a *liberdade de*. É necessário para completar os desígnios da igualdade e fraternidade da tríade republicana, e para se ser realmente livre, a *liberdade para*. E, para se ser realmente livre, é indispensável ter um tecto.

Dando exemplo do problema da habitação nos centros urbanos a preços acessíveis a uma classe média cada vez mais esmagada, a solução cooperativa é a que oferece melhores condições de protecção da especulação. É verdade que o Município de Lisboa já está a trabalhar nesse sentido, mas deve ser do Governo, através de incentivos ou/e linhas de crédito, que deve partir a iniciativa. Várias são as formas de o fazer: desde a colecta de todos cooperantes transformada em crédito para cada um construir, construção com apoios públicos para venda, construção pela cooperativa ficando sua propriedade mas arrendada aos cooperantes ou, ainda, a cedência em regime de comodato de edifícios públicos degradados às cooperativas com os deveres de reconstrução e manutenção por estas.

Mais respostas? António Sérgio tem algumas: “pretende-se, por isso mesmo, a socialização dos meios de produção e de troca (ou de distribuição, para o dizer melhor); porém, a maneira mais própria de o conseguir parece-nos ser a que respeite ao máximo o poder de iniciativa do indivíduo autónomo e a eminente dignidade da verdadeira pessoa, actuando sempre numa atitude positiva, criadora, fraternal, magnânima, cheia de tolerância e simpatia, de cálida generosidade e de amor dos homens [...]. O cooperatismo para nós não é um dogma, uma doutrina fechada, uma fé fanática, algo exclusivista [...], mas tão só um método – e não o único – de resolver problemas de economia, e de socializar a economia sem ser pela política.”

Repito que a esquerda tem o dever moral de resgatar o socialismo associacionista. Digo-o por ordens de razão política, mas, essencialmente, de humanismo. O Mundo está a mudar e é necessário que os políticos voltem a falar para as pessoas com ideologia – sem meias medidas. Por outro lado, com uma direita cada vez mais liberal, seja a direita democrática, seja a nova direita

radical populista, o socialismo associacionista é uma resposta à sua falácia de que o “socialismo é cerceador das liberdades”. Se o Estado deve ter o seu papel fundamental, não sendo um impedimento mas sim uma ferramenta de concessão de *liberdade*, o socialismo associacionista é a dimensão socializante que o indivíduo em liberdade possui. *Last but not least*, o lado humano: o direito constitucional à habitação pela dignidade da pessoa em igualdade e sem discriminação.

Urge, pois, voltar às raízes, à *comuna*, à comunidade, para combater o medo. E, para isso, precisamos de todos.

Gabriel de Oliveira Feitor

Investigador e Doutorando em História Moderna e Contemporânea pelo Iscte-IUL. Mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Licenciado em História Moderna e Contemporânea pelo Iscte-IUL. Já publicou vários artigos e dois livros de História. Vereador independente na Câmara Municipal de Alcanena. Foi dirigente associativo e colabora na imprensa regional.

Going back to our roots to combat fear

Gabriel Feitor

Rereading the old Sérgio was a wise choice for a period of voluntary isolation. That ancient and dusty thing having been relegated to the shelves of the confines of History, to the vanguard of ignorance, I decided to rescue it. I admire António Sérgio very much. It is no surprise that sergian rationalism has influenced my political thinking, avowed social-democrat from the left that I am, and it is from that point of view that this essay takes its direction. It makes think and rethink, about ethics, morality, politics and the economy. In fact, from his teachings, from my faculty days, I took the maxim of transforming morality through economics and economics through morality, both simultaneously in action, and both dependent on each other.

At this moment, we are facing a very complicated situation. There will certainly be an economic loss, the consequences of which we don't yet know. And many of the certainties we did have up until a few months ago, have begun to go up in smoke. It is fear that emerges. From what I continue to try and extract, cooperation is, perhaps, the key word for a sergian world view which urges the unravelling, in the computation of a lesson to be had, from the present. And it is no accident that that former minister Miguel Poiares Maduro, in my political antipodes in an Expresso article on the repercussions this pandemic might have on liberal democracies, accentuates cooperation as the cornerstone in the economic process of globalization. In his own way, of course, but he does reference it. It is within this context of trampling on individual liberties, of social difficulties, that I invoke Sérgio.

It is in the knowledge and invocation of this/these historic legacy/legacies that we must ponder and spring to action with the necessary public policies for the present times. If there is an element that makes up part of the DNA of the democratic left, and which was gradually forgotten as a tool of social transformation via reform, it is associationist socialism. I am referring to

socialization via association, in the cooperative or the municipality, in order to be more encompassing in its methodology. Nevertheless, according to Georges Lasserre, it was through cooperativism, one of the three branches (on par with trade unionism and political socialism in its various nuances), that in the worker's movement in Portugal, after the 25th of April revolution, a great dynamism was observed, whether in the consumer cooperatives, or those of production, or housing. In fact, the Constitution enshrines the cooperative sector as one of the fundamental elements for the economic organization of the Republic.

António Sérgio was, without a doubt, its biggest doctrinaire. The pandemic we are going through is only a call to attention to the sergian maxim we referred to and, above all, a warning: this model of unbridled growth, based on profit, cannot continue, as something worse may happen. It urges us then, to find forms of sustainability. If, during these past years there had been an incentive towards the conscience of cooperation, perhaps today we would be able to act in ways that were not exclusively individualistic and/or collective, but would play a conscious role of the collective of the interdependent individual, this one interdependent on the other. If throughout the years we had invested in an alternative economic model, parallel to cooperation and mutual aid, today we would have more of a capacity to confront the difficulties this crisis will bring. And this has repercussions in various areas of our lives, from environmental sustainability and the fight against climactic changes, to the desertification of the interior. Because, more than ever, we need each other.

This cooperative and communitarian spirit was, in fact, quite visible during the first months of confinement in the aid to precarious workers, especially the "cultural invisibles", which, faced with the State's failure, led the *community* to organize itself and intervened to assuage an unforgivable absence.

We also were able to observe how the social vulnerability provoked by the pandemic revealed serious housing problems in large urban centres. The democratic left has the moral obligation to find solutions to this problem rescuing, for this purpose, associationist socialism. If Covid-19 showed us the indispensable role of the State in the essential sectors for living in community,

associationist socialism can and should be a complement in the role of socialization. It is not enough for citizens to have *freedom of*. It is also necessary for them to have the *freedom to*, in order to complete the designations of equality and fraternity of the republican triad, and to be truly free. And, in order to be truly free, it is indispensable to have a roof over one's head.

Taking the example of the problem of housing in the urban centres, and prices accessible to a middle class increasingly crushed, the cooperative solution is the one that offers the best conditions of protection from speculation. It's true that the Municipality of Lisbon is already working on this, but it must be the Government, through incentives and/or lines of credit, which must launch the initiative. There are many ways to do so: from revenue from all the cooperatives transformed into credit for each one to build, to construction with public support for sales, and construction by the cooperative remaining its property, but rented to the cooperatives or even granting, as a lending contract, degraded public buildings to the cooperatives with these being responsible for their reconstruction and maintenance.

More answers? António Sérgio has a few: "we intend, for this reason, the socialization of the means of production and exchange (or distribution, more precisely); however, the most appropriate way of achieving this seems to be the one that most respects the autonomous individual's power of initiative and the eminent dignity of the true person, always acting in an attitude which is positive, creative, fraternal, magnanimous, full of tolerance and sympathy, of a warm generosity and the love of men [...]. Cooperatism for us is not dogma, a closed doctrine, a fanatical faith, something exclusionist [...], but simply a method – and not the only one – of solving economic problems, and of socializing the economy without going through politics".

I repeat that the left has the moral obligation to rescue associationist socialism. I say it not only in service to political reason but, essentially, to humanism. The World is changing and it is necessary for politicians to once again speak with those who have an ideology – without half-measures. On the other hand, with an increasingly liberal right, whether it's the democratic right or the new radical

populist right, associationist socialism is an answer to the fallacy that “socialism hampers freedoms”. If the State must play its fundamental role, and not be an impediment but a tool for conferring *freedom*, associationist socialism is the socializing dimension which the free individual possesses. Last but not least, the human side: the constitutional right to housing for the dignity of the person, in equality and without discrimination.

We are urged then, to return to our roots, to the *commune*, to the community, to combat fear. And for this, we need everyone.

Gabriel de Oliveira Feitor

Researcher and Doctor of Modern and Contemporary History from Iscte-IUL. Master in Contemporary History from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto and Bachelor in Modern and Contemporary History from Iscte-IUL. He has published several articles on History and is an Independent Councillor for the Alcanena City Council. Was associative director of, and collaborates with, the regional press.